

SENTIDOS DA CULTURA: BURI LÊ BURI

Heitor Rocha Gomes¹

Resumo: A dissertação em andamento apresenta um projeto de pesquisa a ser realizado na localidade do Buri – zona rural de Alagoinhas-Ba. Objetiva compreender o que a população percebe como cultura local em meio aos afazeres cotidianos e que sentidos são atribuídos à mesma. Numa abordagem inspirada na compreensão da cultura, mediante a descrição densa (Geertz, 1989), de teóricos do campo da crítica cultural, a exemplo de Eagleton quando introduz uma genealogia do conceito de cultura, Derrida que explora o conceito de semiótica a partir da semiologia e gramatologia e, na perspectiva de problematizar os sentidos, raízes e consequências dos saberes envolvidos na efetivação do projeto traremos como contraponto as discussões (conceitos) esclarecimento de Theodor Adorno e Horkheimer. Para ampliar as perspectivas sobre o principal instrumento de documentação que será a produção de fotografias traremos dialogaremos com Roland Barthes a partir do conceito de câmara clara. Isso na expectativa de provocar, entre os moradores, reflexões, participativas, sobre suas próprias percepções e as consequências das supostas transformações ocorridas durante a experiência vivenciada. Primeiro será proposto identificação dos objetos, cenas, pessoas e momentos culturais por parte de membros da comunidade por meio de registros fotográficos: os moradores (com variedade de idade, gênero, raça, renda, religião, etc.) serão convidados a participar de uma oficina de fotografia. Num segundo momento os participantes realizarão, em diálogo com o pesquisador, um mapeamento daquilo que percebem como expressões culturais presentes, criando um registro fotográfico que testemunhará as poéticas orais locais na ótica dos seus moradores. Seguidamente socializarão os registros ao mesmo tempo em que externarão e problematizarão suas percepções, tanto sobre os objetos, as pessoas, cenas e vivências culturais identificadas, quanto sobre as conjecturas produzidas durante as etapas do projeto. A pesquisa qualitativa de caráter participante documental e a construção do diálogo produtivo e reflexivo com a comunidade do Buri, serão acompanhadas, sistematizadas e problematizadas a partir dos estudos bibliográficos e debates da crítica cultural.

Palavras-Chave: Cenas. Narrativas. Representações.

INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre a produção cultural de uma determinada localidade, definida como território, comunidade, aldeia e/ou quilombo torna cada vez mais comum. Em geral, essas pesquisas visam produzir informações relevantes para localidade pesquisada, para a academia e/ou ambas. No Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida, generalizando, os estudos críticos giram em torno dos modos de realização da pesquisa sociocultural, suas justificativas, resultados e conseqüentemente interesses que originam, mobilizam e articulam a realização das pesquisas, sejam elas bibliográficas sejam de campo. O presente trabalho pretende responder aos desafios propostos pelo referido programa ao mesmo tempo se abrir para

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Katharina Döring. Endereço eletrônico: cenarocha@gmail.com.

descobertas provocadas nos tempos, espaços, cenas, sujeitos e objetos que comporão a pesquisa. Esta escrita, que se sabe provisória, é atravessada por leituras e discussões realizadas no âmbito de três disciplinas, a saber: Teorias e críticas da cultura, Metodologia da pesquisa em crítica cultural e Tradição oral e cultura popular. Dessa forma, além dos autores supracitados no resumo, outros serão convidados a tomar parte nas proposições apresentadas no corpo deste texto. Esta primeira reelaboração do projeto de pesquisa, constitui-se, também como exercício vital, embora doloroso, de criticar as estratégias anteriores, de ordenar meu pensamento na forma escrita. Isso compreendendo que as leituras realizadas, conforme orientação dos professores, precisam escapar do confortável lugar da interpretação e assumir a posição da crítica. Assim a pretensão é desvencilhar-me das conceituações bitoladas no dizer de Geertz (2008, p. 9) que sobre uma ideia se faz necessário: “aplicá-la e ampliá-la onde ela realmente se aplica e onde é possível expandi-la, desistindo quando ela não pode ser aplicada ou ampliada. Se foi verdade uma ideia seminal, ela se torna, em primeiro lugar, parte permanente e duradoura do nosso arsenal intelectual”.

Ao definir como campo de estudo a pesquisa cultural, no intuito de compreendê-la por meio da percepção crítica dos próprios produtores culturais, percebi a necessidade de, antes de tudo, estabelecer uma base da/na qual se provocaria a tessitura de apreensão de sentidos culturais. Geertz (2008, p. 10) informa que Max Weber entendia que o homem: “é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Para este autor, a cultura é tanto as teias que envolvem o homem quanto sua análise. Desse modo a pesquisa cultural acontecerá não como busca de respostas estreitas preconcebidas, nem como um experimento como nos adverte Agambem (2008) e sim como uma experiência na qual a ciência se dá de forma curiosa, crítico-interpretativa, à procura de significados.

Os estudos dentro do campo da crítica cultural indicam, mesmo parca e superficialmente, que, uma pesquisa que pretenda se embrenhar naquilo que pode ser reconhecido, apresentado ou descoberto como cultura, precisará calçar-se de instrumentos teóricos que sirvam para interpretar e criticar a realidade e o próprio processo/modo de pesquisa. Isso aceitando que cultura, nos termos do Programa de Crítica Cultural, é um campo de batalha para além do binômio conceito e prática.

Na sua introdução, a pesquisa a ser realizada se sustentará numa abordagem inspirada na compreensão da cultura, mediante a descrição densa de Geertz (1989), que toma emprestado de Gilbert Ryle² o conceito de descrição densa, mostrada, por meio de diversos exemplos, que uma descrição bem feita pode ir além da pura interpretação dos fenômenos, indicar o que nas cenas de

² Gilbert Ryle (19 de agosto de 1900-6 de outubro de 1976) foi um filósofo britânico pertencente a uma geração influenciada pelas teorias de Wittgenstein sobre a linguagem.

uma determinada localidade pode ser percebido como simulação, deliberação, cópia, engano, jogo etc.. e que uma vez interpretados ganham outros sentidos. Numa única atividade rotineira de uma localidade é possível encontrar códigos, significações que fazem todo sentido para os moradores e nenhum sentido para um observador externo desatento à teia de significações que geraram a necessidade intencional ou não de tal atividade. Todavia, a despeito das interpretações que podem ser construídas, Geertz (1989, p. 19) nos alerta que:

A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta frequência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar (p. 19, 1989).

Vejo a reflexão de Geertz é desconfortante, pois retira das costas do pesquisador a obrigação de alcançar resultados idealizados por ele ou quem quer que seja, porém, responsabiliza-o por encontrar formas de sistematização de processos e resultados que tenham legitimidade perante a academia e a comunidade na qual se originou a matéria básica da pesquisa. Ao longo dos seus escritos, Geertz mostra como as interpretações conclusivas e precipitadas sobre um conjunto de comportamentos em redor de um fato observado pode gerar grandes equívocos. É como se a realidade pesquisada quisesse ou precisasse alcançar o status de ficção, onde aquilo que é – por conta das diversas e minuciosas teias de relações e inter-relações – devesse representar uma coisa qualquer idealizada para se tornar crível – na perspectiva do intérprete. É diante desta labuta que está colocado este projeto de pesquisa é a partir dela que se construirão os relatos sobre os sentidos da cultura na Localidade do Buri. O que existe de antecipado, proposto na forma de objetivos, pode ser encarado, no máximo como suspeitas, decorrentes e incitadas pelas leituras e discussões produzidas, principalmente, no Curso de Pós-Crítica (UNEB). Estas suspeitas no dizer de Geertz fundamentadas em leituras e descrições de outras realidades culturais não subtraem o valor da pesquisa, se bem garimpadas e utilizadas, podem servir de filtros que permitirão ao pesquisador incorrer em erros e equívocos desnecessários.

Sobre a articulação entre a pesquisa etnográfica e a fundamentação teórica Geertz (1989) nos assevera o seguinte:

Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que, melhor informados e melhor conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas. Cada análise cultural séria começa com um desvio inicial e termina onde consegue chegar antes de exaurir seus impulsos intelectuais. Fatos anteriormente descobertos são mobilizados, conceitos anteriormente desenvolvidos são usados, hipóteses formuladas anteriormente são testadas, entretanto o movimento não parte de teoremas já comprovados para outros recém-provados, ele parte de

tateio desajeitado pela compreensão mais elementar para uma alegação comprovada de que alguém a alcançou e a superou (1989, p. 24,).

Este fragmento indica o ponto de partida e retrata bem a situação em que me encontro, tateando, identificando discursos, experiências teóricas que possam de alguma forma explicitar as minhas suspeitas em relação ao campo que será o lócus da minha pesquisa. Navegando na incerteza dos discursos que proponho e/ou articulo, espero tombar assertivamente em questões que justifiquem, além de um empreendimento científico acadêmico, a minha admissão na rotina da localidade a fim de provocar o desvelar sentidos de cultura vivenciados e expressos pelos moradores.

Outro teórico do campo da crítica cultural convidado esta conversa que antecede a pesquisa, é Eagleton (2003). O autor estabelece aproximações e distanciamentos no binômio cultura e natureza. Argumenta sobre a impossibilidade de derivações ou oposições puras e simples em relação a conceitos e práticas culturais. Quanto mais nos esforçamos em criar contornos claros para aquilo que caracterizamos como natural, dentro e fora de nós, mais exacerbamos o que nos caracteriza seres culturais: “Assemelhamo-nos à natureza na medida em que nós, tal como ela, devemos ser modelados, mas distinguimo-nos dela na medida em que podemos fazê-lo a nós próprios, introduzindo desta forma no mundo um grau de auto-reflexibilidade ao qual o resto da natureza não pode aspirar (EAGLETON, 2003, p. 13)”. Esta pesquisa, mesmo com a falta de contornos mais precisos e amparada na fundamentação teórica possível, quer se encontrar neste entre-espacos, na brecha que surgirá entre o dado, o pretendido e o tropeço acidental. Pensar essa brecha significa reconhecer que a cultura, enquanto lugar, cena de pesquisa constitui-se como campo de disputas e batalhas, que o movimento de afastamento daquele/daquilo eu que nos foi apresentado como natural é constituído por aparatos culturais diversos e com múltiplas intenções no tempo, este pressuposto pode ser dito da seguinte forma: “A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política através da libertação do eu ideal ou colectivo sepultado em cada um de nós, um eu que encontra a sua suprema representação no domínio universal do Estado (EAGLETON, 2003, p.18)”. O que poderemos apreender dessa modelagem cultural do Estado é que ela merece todas as suspeitas possíveis, e, retomando os exercícios críticos do programa em que este trabalho se insere, questionar as múltiplas intencionalidades explícitas e subjacentes de uma formação cultural implementada pelo Estado por meio dos seus diversos tentáculos, em uma cenário que se mostra perversamente contraditório no que diz respeito, por exemplo, ao tratamento de toda identidade que se mostra, minimamente divergente, destoante, desajustada, marginal. Um Estado que alimenta a farsa da cordialidade frente a ostensiva face da morte que atinge todos os desprivilegiados da Terra.

Com Derrida, exploraremos o conceito de semiótica (2001) a partir da semiologia e gramatologia e, na perspectiva de problematizar os sentidos, raízes e consequências dos saberes envolvidos na efetivação do projeto. Isso considerando que um dos instrumentos de documentação será a fotografia e que este instrumento será território de provocação de sentidos. Com este autor o que se pretende é problematizar os conceitos de signo, significante e significado além de buscar lançar sobre estes os sentidos das falas dos sujeitos participantes da pesquisa. A fotografia, insere-se neste contexto, por ser em si mesma, objeto de leituras, interpretações e pela sua condição de portadora de elementos que evocam a realidade retratada. Uma das problematizações lançadas sobre o construto de Saussure (DERRIDA, 2001, p. 27) é que na sua gramatologia, na estruturação matematizada da língua escrita ele acaba por enfatizar esta em detrimento da fala, da substância fônica. O significante (escrita) ganha status superioridade em relação ao significado (fala). Derrida afirma que isso é um equívoco por a fala ser notória e primordialmente presença viva nos sujeitos falantes e por ele juntar em si mesmo as condições de produzi-la atribui-lhe valor e sentido. Compreendendo que a fotografia, enquanto linguagem, também carrega em seus determinismos, modelos impostos de leitura e interpretação, talvez fundados nos alicerces seculares da referência análoga no processo construção e identificação de sentidos da/na fotografia. Se o ato fotográfico carrega uma intencionalidade no momento do que será fotografado, seja por meio da composição, do recorte a realidade retratada ou do foco, esta intencionalidade, baseada na seleção daquilo que será revelado na foto, por mais que se queira não se mostra objetiva. O autor encontrará, possivelmente, na sua fotografia elementos não previstos, sejam estes ausências ou presenças daquilo que compõe a realidade retratada. Dessa forma é possível esta analogia da seguinte maneira:

O grama como *différance* é, pois, uma estrutura e um movimento que se deixam mais pensar a partir da oposição presença/ausência. Esse espaçamento é a produção, ao mesmo tempo ativa e passiva(o a da *différance* indica essa indecisão relativamente a atividade e à passividade, aquilo que não se deixa ainda ser comandado e distribuído por essa oposição), dos intervalos sem os quais os termos “plenos” não significariam, não funcionariam. A subjetividade – como a objetividade – é um efeito de *différance*, um efeito inscrito em um sistema de *différance* (DERRIDA, 2001, p. 33).

Neste ponto, será preciso questionar sobre a fotografia, o ela é em si mesma, como diria o Professor Osmar³, indagar “o que é que é que ela é”. Como a fotografia poderia ser instrumento utilizado como aparato de registro documental e posteriormente objeto interpretação crítica por parte dos participantes da pesquisa, escapando dos convencionalismos e servindo como provocadora de de sentidos. Para este fim mobilizarei algumas considerações de Roland Barthes no seu livro A Câmara Clara(1984). Uma primeira questão que Barthes se coloca é se a fotografia existe em si

³ Professor Doutor do Curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural – UNEB –Alagoinhas.

mesma, que marca a distinção de outras formas de imagens, na tentativa de estabelecer uma questão para seu estudo percebeu que todas acabavam caindo em classificações ligadas ao empirismo (uso por profissionais ou amadores); retóricas (Paisagens, Retratos, Objetos, Nus); estéticas (Realismo, Pictorismo), todas estas externas a própria fotografia e extensivas a outras formas de imagens. Sua conclusão provisória foi que a fotografia era indecifrável. Sua conclusão inicial foi que: “Em primeiro lugar, encontrei o seguinte. O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Seguindo Barthes nos diz da impossibilidade de se tocar, perceber o que é a fotografia senão por meio daquilo que ela não é: os significantes nela colados e dos quais não pode se apartar. O dilema existencial da fotografia desafia o autor a buscar uma explicação que escape das generalizações que tratam ora do significante ora do significado. Decidiu buscar aquilo que poderia constituir o singular e nesse ponto informa:

Nesse debate, no fim das contas convencional, entre a subjetividade e a ciência, eu chegava a essa ideia bizarra: por que não haveria, por assim dizer, uma ciência nova por objeto? Uma *Mathesis singularis* (e não mais *universalis*)? Aceitei então tomar-me por mediador de toda a Fotografia: eu tentaria formular, a partir de alguns movimentos pessoais, o traço fundamental, o universal sem o qual não haveria Fotografia (BARTHES, 1984, p. 19).

Nesse ponto, Barthes apresenta-se como medida do saber fotográfico que pretendia elaborar indicando para tanto três perspectivas primárias no campo das emoções ou das intenções que poderiam ser objeto de práticas ligadas ao: fazer, suportar, olhar. Como acontecimento a fotografia se sustentaria no seguinte tripé: O Operator que é o fotógrafo; O Spectator, que segundo o autor, são todos que compulsam, nos jornais, livros, álbuns etc.; por último o lugar do Spectrum (em sua origem ligada a ideia de espetáculo), aquele que é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro.

É novamente neste lugar inconveniente que situo a produção e uso da fotografia como principal instrumento da pesquisa. Isso supondo que, estendendo os estudos com Roland Barthes surjam evidências para um registro fotográfico, que no mínimo reconheça criticamente o que pode existir entre a intenção que gera o ato fotográfico e aquilo que está entre a fotografia revelada e suas possíveis leituras.

Finalmente, será preciso, durante o processo de produção da pesquisa, da consequente produção de conhecimentos peneirar, garimpar buscar as aproximações, distanciamentos, os escambos possíveis com as suspeitas que geraram este movimento de pesquisa. Por conta da tarefa árdua e contínua de seleção dos achados relacionados aos sentidos da cultura na localidade do Buri. Para criar rotas de escape de escolhas feitas por meras oposições, juízos ou níveis de importância e trataremos como contraponto e/ou aparato as reflexões acerca do conceito de esclarecimento

apresentado por Adorno e Horkheimer. Para os autores a busca do homem, desde a idade antiga até os dias atuais, para superar as explicações e razões mitológicas e escapar do determinismo absoluto, passou por várias etapas. No entanto, afirmam que tudo que foi feito para livrar-se das obrigações de oferecer sacrifícios e oferendas, de render-se a toda espécie de corporificação humana, de toda espécie de identidades divinas foi substituída pelo conhecimento nascido do esclarecimento. O determinismo mágico, ritualístico fora substituído, ao longo do tempo, pelo absolutismo da lógica, pelo que poderia ser provado pelo pensamento esclarecido positivista. Pela nova lógica de conhecimento, deve-se fechar os ouvidos e virar as costas a tudo que estiver ligado a sedução, ao homem natural. Pelas formas de mediações vigentes, dentre elas a razão, assim:

No trajecto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens, mesmo quando os alimenta. Sob a forma das máquinas, porém, a *ratio* alienada move-se em direcção a uma sociedade que reconcilia o pensamento solidificado, enquanto aparelhagem material e aparelhagem intelectual, com o ser vivo liberado e o relaciona com a própria sociedade como seu sujeito real (HORKHEIMER, 1947, p. 18).

A razão que pretendia tornar os homens senhores de si mesmos acaba por tornar-se instrumento de dominação. Os autores revelam que o saber, nascido do pensamento esclarecido, desconhece limites o conhecimento científico não se faz sensível “nem a escravização da criatura, nem a complacência em face dos senhores do mundo”. Coloca-se a serviço do poderio econômico, daqueles que dominam a técnica. Da forma que definem os autores é possível presumir que o principal produto produzido pelo Iluminismo perdeu sua principal finalidade, a liberdade do homem conforme argumentam:

No trajecto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade. A causa foi apenas o último conceito filosófico que serviu de padrão para a crítica científica, porque ela era, por assim dizer, dentre todas as ideias antigas, o único conceito que a ela ainda se apresentava, derradeira secularização do princípio criador (HORKHEIMER, 1947, p. 2).

Sem a condição de aprofundar com o merecido cuidado os escritos de Adorno e Horkheimer, nos contentaremos, ao menos por agora, em refletir sobre os fragmentos citados na perspectiva de que evidenciam a complexidade embutida no trato das produções de saberes, que no caso desta pesquisa, estão vinculadas as produções de sentidos, que por sua vez, perderiam a relevância na medida em que enfatizasse os meios ou os fins e esquecendo-se/negando do dinamismo dos sujeitos e das cenas que lhes dão contexto.

A metodologia de pesquisa será qualitativa, de carácter participante e documental com abordagem de análise crítica e autobiográfica das fotografias produzidas pelos próprios sujeitos da pesquisa. Severino nos apresenta a pesquisa participante como sendo (2007, p. 120):

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

O compartilhar de vivências na localidade do lugar de pesquisador, pede reconhecimento por parte dos participantes da pesquisa, saber das intenções, segurança quanto aos procedimentos que efetivarão o processo de pesquisa e sobre os resultados. No caso da pesquisa no Buri, interessa saber sobre como e quando ocorrem as cenas que trariam à tona as representações culturais na localidade. Esse entrosamento nos daria condições, tanto de registro quanto do tratamento posterior das informações coletadas.

A produção dos sentidos culturais sobre a localidade nascerá do registro audiovisual das narrativas nos momentos em ocorrerão a apreciação das imagens fotográficas. Sobre a pesquisa qualitativa com o uso de imagens na antropologia Barbosa e Cunha nos dizem que:

...a imagem não é vista como dado empírico objetivo, mas como ponto de partida para uma reflexão conjunta sobre determinados contextos e situações, e podem ou não constituir material a ser incluído no formato final de apresentação dos resultados da pesquisa, seja tese, artigo ou relatório. São imagens de um processo e a decisão de expô-las na reflexão final depende das escolhas e dos objetivos do pesquisador (CUNHA, 2006, p. 25).

A amplitude das percepções sobre cultura que se farão presentes nas narrativas dos sujeitos envolvidos na pesquisa pede que a metodologia da pesquisa tenha a plasticidade necessária para acolher a diversidade de respostas possíveis às provocações geradas, sem, no entanto, perder a objetividade na organização e sistematização das mesmas. Assim é preciso concordar com Durão (2015) quando afirma que o conceito de metodologia no âmbito dos estudos literários não poderá agir autonomamente, será sempre submetido a crítica. Aqui tratar de cultura, no âmbito do Programa em Crítica Cultural da UNEB, “tem como pré-condição incontornável criticar o desejo de reificar a metodologia como um fim em si” (DURÃO, 2015).

A partir destes pressupostos a expectativa é provocar, entre os moradores, reflexões, participativas, sobre suas próprias percepções e as consequências de supostas transformações ocorridas nas formas de perceber e reagir à realidade durante a experiência vivenciada. Isso considerando que os envolvidos no processo e resultado da pesquisa atuarão ativamente por tomarem e serem parte dos sentidos culturais reconhecidos, identificados e produzidos. A ideia é que todos estejam, na própria medida, expostos e integrados no fazer e pensar sobre a pesquisa. Primeiro serão identificados e mobilizados os sujeitos que participarão da pesquisa (com variedade

de idade, gênero, raça, renda, religião, etc.). Isso a partir de critérios que gerem a maior diversidade de perspectivas possível sobre as representações culturais do Buri. Seguindo os moradores mobilizados para participar da pesquisa serão convidados a participar de uma oficina de fotografia com a finalidade de identificar: dos objetos, cenas, pessoas e performances culturais. Num terceiro momento os participantes realizarão, em diálogo com o pesquisador, um mapeamento daquilo que percebem como expressões culturais presentes, criando um registro fotográfico que testemunhará as poéticas orais locais na ótica dos seus moradores. Seguidamente socializarão os registros ao mesmo tempo em que externarão e problematizarão suas percepções, tanto sobre os objetos, as pessoas, cenas e vivências culturais identificadas, quanto sobre as conjecturas produzidas durante as etapas do projeto. A última etapa de trabalho na localidade consistirá em uma avaliação dos participantes quanto a relevância das etapas vivenciadas para a construção de novas percepções sobre as representações culturais do Buri.

1 BURI - UM RETRATO SOBRE SUSPEITA

Durante registros fotográficos que comecei a realizar no Buri sobre família e posteriormente sobre as formas de geração de renda, a pedido de professoras de uma escola comunitária, refletiu-se sobre os sentidos que os moradores davam para cenários culturais daquela localidade, situada na zona rural do município de Alagoinhas-Ba. A suspeita de ter topado com uma possibilidade de pesquisa acadêmica surgiu no momento da seleção e tratamento das fotografias que seriam devolvidas à escola e posteriormente às famílias dos estudantes da referida escola. Comecei a indagar sobre os significados de registros de trabalhos comuns, realizados em espaços da casa ou do quintal, tais como debulhar feijão de cordas, raspar e ralar mandioca: o uso do tempo, dos espaços, objetos de trabalho de lazer. Essa aproximação mobilizou e deslocou meu interesse: refleti de que forma essa breve vivência com os moradores do Buri, me daria subsídios para a construção de um projeto de pesquisa. E para materializá-lo comunguei com uma noção de cultural que contemple uma construção simbólica tecida pelos sujeitos, que nesta pesquisa se configuram como os moradores do Buri.

Gostaria de apresentar este anteprojeto nas perspectivas de Hall (1997), quando afirma que os seres humanos são seres interpretativos e instituidores de sentidos; com Geertz (1989) quando reflete sobre o pensar, na perspectiva cultural, que este requer muito mais acontecimentos na cabeça, mesmo admitindo a necessidade deste, analisa que outros elementos como sons, desenhos entre outros são artifícios importantes ao pensar; e com Cardoso (2006), quando problematiza os

possíveis distanciamentos e aproximações do pesquisador com o sujeito/tema pesquisado, dentre outros.

A leitura aprofundada levantará questões que merecerão considerações que estão no campo das lutas históricas travadas entre a ciência – economia, trabalho: explorador e explorado, identidade – subjetividade, territorialidade – ancestralidade. Isso concordando que nenhuma prática cultural, por mais singular que seja, se dá apartada dos conhecimentos e conflitos vivenciados, em certo contexto e tempo cultural, e concomitantemente que todos os fazeres e pensares dos sujeitos de qualquer localidade estão influenciados pelas práticas culturais e ideológicas mais amplas e intencionalmente construídas ao longo da história.

Se aceitarmos que qualquer espaço de relação entre pessoas reflete, em maior ou menor escala, os conflitos da sociedade na qual está inserido, as questões que envolvem o fazer e a promoção da cultura no âmbito da comunidade indicam que:

Há interesses que vão desde a obtenção de recursos financeiros para a simples organização de eventos e apresentações de músicas e danças populares como prática artística, assim como busca-se aproximação com políticos, secretários de Estados, prefeitos e empresas patrocinadoras, na busca de domínio do setor, com tentativas até de propor e interferir politicamente na aprovação e regulamentação de leis que se voltem para o fomento e a salvaguarda das expressões das culturas populares (IKEDA, 2013, p. 9).

A participação dos sujeitos nas políticas voltadas para o desenvolvimento, produção, apropriação e disseminação de produtos culturais locais torna-se complexa por exigir dos mesmos, no mínimo, duas questões: a primeira, aqui definida no âmbito das oportunidades, que seria, constando-se a potência cultural e a necessidade de produção e difusão desta, as pessoas, de uma determinada localidade, teriam meios internos e externos para dar à mesma o destino que melhor lhe aprouvesse. A segunda, estreitamente ligada à primeira, trata das condições, as competências, habilidades e os meios necessários à participação. Isto é, existência de possibilidades dos envolvidos voltarem-se para si mesmos e assumirem a capacidade de identificar, interpretar, decidir e informar de que forma e em que nível interessaria participarem desta ou daquela política voltada para sua localidade. Entre os aspectos da participação, podemos refletir sobre o interesse e a compreensão dos moradores de uma localidade acerca de programas e ações realizadas pelo Estado. As ações deveriam partir de uma consulta que revela os interesses e necessidades de uma população específica e teria amplo e restrito sentido, estimulando efetiva participação nos seus desdobramentos. De acordo com Oliveira e Silva (2011, p. 132):

A problemática que se coloca aqui é a da ampliação com relação à participação do conjunto da sociedade nos diversos níveis de gestão e produção da cultura, afim de

que se possa transformar o complexo em políticas que tenham alguma garantia de continuidade nas próximas décadas.

Ampliar a participação da sociedade nos diversos níveis de gestão e produção cultural, necessariamente significa também repensar de que maneira e de que lugar os sujeitos e seus saberes são considerados, avaliar que há um distanciamento entre fazer e pensar, entre aqueles que refletem a realidade a partir daquilo que observam, sistematizam, propõem e aqueles que fazem e supostamente não refletem sobre a realidade e os problemas vividos. Claro que estamos falando aqui de enfrentamentos políticos daqueles que detêm os meios de canalizar atenção e recursos, que por isso podem promover distinção daquilo que serve ou não como bem ou produto cultural para a maioria, isso baseado em critérios, capitalistas, clientelistas e segregadores, pautados em interesses privados que no dizer de Williams (1969, p. 55) apresenta-se da seguinte forma:

[...]percebeu-se também que esse tipo propriedade privada, que impede o pleno acesso do povo como um todo a suas instituições governamentais, também comanda os rumos da atividade da comunidade, principalmente nas formas de controle sobre o trabalho. Propriedade privada dos meios de trabalho resultou em uma situação na qual as atividades da maioria das pessoas, sob pressão rigorosa e geralmente insustentável, acabam por ser decididas por uma minoria; se isso é assim, em uma parte tão fundamental de nossas vidas, há certamente um impacto nos processos pelos quais significados e valores poderiam ser criados e permitidos.

Nessa perspectiva, onde quer que se faça o debate cultural, faz-se vital considerar a conjuntura de elementos sociais, políticos, econômicos e como estes articulam os interesses, as forças e os enfrentamentos em torno de si e de elementos, a exemplo da cultura. A forma como estes são manipulados, disponibilizados e disputados interferem na produção, usufruto e disseminação da cultura, por esta pertencer ao mesmo sistema de significação social. Dizer isso implica que, será necessário localizar os agentes de produção cultural de uma determinada comunidade, como capazes de realizar os enfrentamentos necessários a garantia de acesso aos meios de produção/reconhecimento de bens materiais e imateriais que lhes pareçam importantes. Significa assumir que todos os membros de uma sociedade, não importa sua posição social, produzem cultura relevante, independentemente do juízo de valor que façam dessa produção.

CONCLUSÃO

A pretensão de me debruçar sobre a temática Os sentidos da cultura: Buri lê Buri, ao usar a fotografia como a ferramenta que estimula este debulhar sentidos, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, na Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida em ampliaram-se complexidade e responsabilidade acadêmica e social. Os estudos prévios sobre o desdobramento da pesquisa

indicaram a exigência de um posicionamento crítico, fundamentado, e, ao mesmo tempo, atento as revelações previstas e emergentes no trabalho de campo. Infirmo que a realização desta pesquisa ampliará e estruturará meus conhecimentos acadêmicos e de mundo, para além da temática, por outro lado abrirá perspectivas para outras pesquisas na localidade, ao mesmo tempo em que amplia o acervo de informações do programa ao qual está vinculada a pesquisa. Dentro dos objetivos estabelecidos, do mesmo modo se espera que a documentação e interpretação crítica das cenas, pessoas, memórias, acontecimentos, objetos, presenças e ausências de sentidos criem caminhos alternativos para que os participantes da pesquisa possam desvendar-se e posicionarem-se provocando as mudanças desejadas dentro e fora da realidade cultural vivida.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- CHAUÍ, M. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- DERRIDA, J. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DURÃO, F. A. *Reflexões sobre a metodologia de Pesquisa nos estudos literários*. Campinas: DELTA, 2015.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. Lisboa: Rolo & Filhos Artes Gráficas Ltda, 2003.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. RJ: LTC. 1989. p. 13-41.
- GERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIORGIO, A. *Infância e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*/ Stuart Hall; Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 199-218.
- HORKHIMER, T. W. *A dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Amsterdam: Zahar, 1947.
- KLINGER, Diana. *Escrita de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- GURAN, M. *Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica*. Rio de Janeiro: Funarte, 2012.
- M. W. Org., *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.
- ORTNER, Sherry B. *Subjetividade e crítica cultural*. Horiz. Antropol., Porto Alegre, v. 13, n. 28, Dec. 2007. Available retirado de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832007000200015&lng=en&nrm=iso>. acessado em 21 de mar. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832007000200015>.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. 13 ed. Campinas, SP. Papirus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

SALGADO, Sebastião. *Outras Américas*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

TEDESCO, Silvia. *A natureza coletiva do elo linguagem subjetividade*. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2003, v. 19, n. 1, p. 85-89. UFMG, 2016.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*. Trad. Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.